



**POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE FOUCAULT E PÊCHEUX:  
SINGELA CONSIDERAÇÃO PELA AFLUÊNCIA ENTRE MICRO E  
MACROPODERES NAS OBSERVAÇÕES SOBRE O DISCURSO**

Marcelo Eduardo da Silva (UFMS/IFMS)  
marcelo.eduardo@ufms.br

**Resumo:** Os sentidos são (re)construídos por um *encadeamento multiforme de ações sociais* desempenhadas em circunstâncias ditas das mais simples (como uma pequena discussão familiar, um cumprimento dissimulado direcionado a alguém de quem não se tem simpatia, uma controvérsia com colega de trabalho) às mais complexas (como um debate, uma greve, grandes manifestações de rua). Portanto, nem em nível micro – como defendia Michel Foucault –, nem em nível especificamente macro – aos moldes de Michel Pêcheux –, mas nessas duas esferas. Nosso texto tem característica de ensaio e seu objetivo é refletir sobre as possibilidades de junção entre os pensamentos desses dois autores que influenciam a Análise do Discurso, sobretudo no Brasil. Interpretamos a repercussão na imprensa a respeito da ocupação por indígenas de terreno disputado com uma empreiteira em Dourados, segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul. Observamos que nos textos analisados existem aspectos que definem um funcionamento cambiável de uso do poder (um princípio de circularidade, como afirmaríamos conduzidos por Foucault) e uma luta de classes (uma disputa ideológica, como diríamos inspirados em Pêcheux).

**Palavras-chave:** Michel Foucault; Michel Pêcheux; poder; ideologia; discurso

**Resumen:** Los significados son (re)construidos por una *cadena multiforme de acciones sociales* llevadas a cabo en las llamadas circunstancias más simples (como una pequeña discusión familiar, un saludo fingido dirigido a alguien con quien no se cae bien, una controversia con un compañero de trabajo) hasta lo más complejos (como un debate, una huelga, grandes manifestaciones callejeras). Por tanto, ni a nivel micro – como defendió Michel Foucault – ni a nivel específicamente macro – en la línea de Michel Pêcheux –, sino en estos dos ámbitos. Nuestro texto tiene características de ensayo y tiene como objetivo reflexionar sobre las posibilidades de unir el pensamiento de estos dos autores que influyen en el Análisis del Discurso, especialmente en Brasil. Interpretamos la repercusión en la prensa sobre la ocupación por parte de indígenas de tierras disputadas con una empresa constructora en Dourados, la segunda más grande ciudad de Mato Grosso do Sul, Brasil. Observamos que en los textos analizados hay aspectos que definen un funcionamiento intercambiable de uso del poder (un principio de circularidad, como diríamos desde Foucault) y una lucha de clases (una disputa ideológica, como diríamos inspirados en Pêcheux).

**Palabras clave:** Michel Foucault; Michel Pêcheux; poder; ideología; discurso

## Introdução

Michel Foucault pensava as relações sociais como uma rede de micropoderes, em que o poder não teria dono absoluto, mas possuiria uma circularidade. Para Michel Pêcheux, o



macro – ideologias – é que ditaria as regras da sociedade, assim, grandes grupos (principalmente o Estado e seus *aparelhos ideológicos*) seriam os detentores do poder. Mesmo contemporâneos e conterrâneos, de acordo com suas perspectivas, cada um dos filósofos franceses enveredou por propostas diversas no estudo do discurso. A partir desse preâmbulo, o presente trabalho possui caráter reflexivo propondo discutir a aplicabilidade de uma análise discursiva cogitando-se essas duas perspectivas de poder, ponderando se há possibilidade de aproximação entre noções e conceitos agenciados por Foucault e por Pêcheux. Ponderamos que a sequência de ações constituintes de um fenômeno social periódico ou extraordinário não é clivada unicamente por um aspecto ideológico ditado por uma classe dominante nem somente pela simultânea troca de exercícios do poder entre sujeitos ocupantes de posições hierárquicas próximas ou distantes entre si. Ao contrário, é justamente esses dois aspectos (macro e micro) em conjunto que culminam nas (re)construções de sentido seja de nosso cotidiano seja da História. Porque são um conjunto de operações que afetam tanto as circunstâncias mais corriqueiras quanto as mais excepcionais.

Para auxiliar a apresentação de nosso ponto de vista, discutiremos a partir de *corpus* formado por fotografias e pronunciamentos retirados de reportagens veiculadas na/pela imprensa sul-mato-grossense quando indígenas da etnia Guaraní ocuparam terras por eles reivindicadas como tradicionais na área urbana de Dourados. Os terrenos estavam sob domínio de uma empreiteira que intenciona construir um condomínio de alto luxo na maior cidade do interior do estado.

Como mais um estímulo para nossas discussões a respeito da possibilidade de entendimento entre unir as noções de micro e macropoderes nas análises, citemos uma nota de rodapé escrita por Paul Henry quando este explica *Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso* de Michel Pêcheux:

Existem muitos pontos de contato entre aquilo que Michel Foucault elaborou no que se refere ao discurso e aquilo que fez Michel Pêcheux, pelo menos no nível teórico (por exemplo, encontra-se em Foucault uma noção de “formação discursiva” que tem alguns pontos em comum com aquela de Pêcheux), e em particular no nível prático ([embora] Foucault nunca tentou elaborar um dispositivo operacional de análise do discurso) [...]. Pêcheux partilhava com Foucault um interesse comum pela história das ciências e das ideias que pode explicar por que ambos, mais do que qualquer outro autor, focalizaram o discurso. (Henry, 1997, p. 38)



Será que os estudos dos dois podem ser compatíveis? Alguns alertas já foram feitos sobre a dificuldade em uni-los. Roberto Baronas (2011, p. 6), por exemplo, afirma que “aproximar Pêcheux e Foucault no tocante às noções de formação discursiva e de discurso é muito problemático”. Para Freda Indursky (2005, p. 13), entre os dois grandes estudiosos “tangencia-se constantemente semelhanças teóricas que, de imediato, fazem aparecer diferenças que demarcam o modo como ambos conceberam o discurso e as noções fundamentais para dele tratar”.

Baseados na ampla obra de ambos os autores, podemos resumir que a visão de discurso para Pêcheux é focada nas condições de produção, sendo esta permeada pela luta de classes. E, para Foucault, o discurso é baseado em regularidades e dispersões. Assim, para Pêcheux, existe uma ideologia a dominar a produção discursiva e, para Foucault, há uma disputa cotidiana pelo discurso que possui sim seus regramentos (haja vista suas observações quanto à “*Ordem do Discurso*”), mas que se trata muito mais de uma possibilidade de revezamento de poder que de uma imposição insuperável por parte de uma ideologia da classe economicamente dominante.

Em “*O discurso: estrutura e acontecimento*”, Pêcheux ensina que o *acontecimento discursivo* é o momento em que a atualidade e uma determinada memória se convergem. Isto é, quando uma estabilidade (ainda que aparente, por certo) é reconfigurada. A memória, para ser acionada, necessita de um acontecimento, ou seja, de uma ocorrência imediata. Seria incompatível pensarmos que esse *acontecimento* pode ser não um episódio global (macro) – como numa empresa com centenas de funcionários, uma disputa entre proletariados e burguesia –, mas circunscrito a uma esfera mais estrita (micro) – como uma família (ainda que esta seja uma instituição, por certo, mas de compleição muito mais simples e habitual)?

Por seu turno, Foucault, na “*Arqueologia do saber*”, explica seu método:

A arqueologia não está à procura das invenções e permanece insensível ao momento (emocionante, admito) em que, pela primeira vez, alguém esteve certo de uma verdade; ela não tenta restituir a luz dessas manhãs festivas [...].



O que busca [...] não é estabelecer a lista dos santos fundadores; é revelar a *regularidade de uma prática* discursiva que é exercida, do mesmo modo, por todos os seus sucessores menos originais, ou por alguns de seus predecessores; prática *que dá conta*, na própria obra, *não apenas das afirmações mais originais* (e com as quais ninguém sonhara antes deles), *mas das que eles retomaram, até recopiaram de seus predecessores*. (Foucault, 2008, p. 163, grifos nossos).

Se existe “uma regularidade de uma prática [...] que dá conta [...] não apenas das afirmações mais originais [...] mas das que eles retomaram, até recopiaram de seus predecessores” não é plausível pensarmos que é porque existe uma memória e essa memória além de ser construída e reformulada em um período dilatado de tempo também necessitaria de um assentimento para perdurar? E esse aval não pode ser por meio de regimentos, estatutos etc.? Tomemos o exemplo da escola, que, segundo Foucault, seria disciplinadora de corpos, e, no cumprimento desse papel biopolítico repercussivo na sociedade em geral, aplicaria em seus estudantes: “[...] micropenalidades do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência)” (Foucault, 1999, p. 149). Ora, essas micropenalidades não são também imputadas por uma instituição macro? Afinal, a escola vincula-se à Educação, setor governamental que seria também um *Aparelho Ideológico de Estado*, como pontua Althusser (2022), inspirador de Pêcheux.

Na “*Arqueologia do Saber*”, Foucault trabalha o conceito de *arquivo*, assim exposto por ele: “O arquivo é, de início, a lei do *que pode ser dito*, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (Foucault, 2008, p. 147, grifo nosso). Pêcheux, na “*Análise Automática*”, explica sua visão sobre o conceito de *formação discursiva*, explicado como sendo “o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 166, grifo dos autores).

Para Pêcheux, quem determina “o que pode ser dito” é a classe dominante por meio da ideologia e, para Foucault, quem determina é um sistema de contradições que só pode existir numa circularidade. Mas, será que não seria mais enriquecedor não apartarmos as duas



possibilidades? Ou seja: tratar o discurso como uma disputa pelo poder travada em âmbito macro (sofrendo influência do Estado e de uma classe dominante) e, ao mesmo tempo, se (re)construindo em meio ao cotidiano, às trocas mais horizontalizadas na sociedade.

As imagens apresentadas a seguir são de um *print* e um recorte deste mesmo *print* de matéria divulgada em *site* de notícias de Campo Grande, intitulada “Indígenas voltam a invadir área de luxo 2 dias após ação da PM”. Vemos na foto duas faixas com os dizeres “Comitê de luta das retomadas” e “Mulheres da luta das retomadas”.

Figura 1 - Imagem de ocupação indígena



Fonte: Diogenes Fernandes/RIT TV – Campo Grande News.  
Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/indigenasvoltam-a-invadir-area-de-condominio-de-luxo-2-dias-apos-acao-da-pm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Figura 2 - Close nas faixas em ocupação indígena



Fonte: Diogenes Fernandes/RIT TV – Campo Grande News.  
Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/indigenasvoltam-a-invadir-area-de-condominio-de-luxo-2-dias-apos-acao-da-pm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

As três imagens a seguir (“Figura 3”) referem-se aos *links* que encaminham a notícias anteriores sobre o mesmo tema, remetendo ao início desse conflito específico. Pelo viés



foucaultiano, indica-se a existência de uma regularidade discursiva, com orações do tipo: “indígenas invadem”, “área reivindicada por indígenas”, “presos por invadir área de construtora”. Pelo viés pecheutiano, verifica-se que o embate entre as perspectivas continua: há uma ideologia que teima em formular frases opondo os indígenas ao luxo, assim, os indígenas são ideologicamente aventados como seres contrários ao progresso, ao crescimento econômico da segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul.

Figura 3 - Outras notícias sobre desdobramentos da ocupação indicadas como sugestão de leitura para o internauta

### VEJA TAMBÉM



**Idoso é liberado e 9 indígenas seguem presos por invadir área de construtora**

**Ex-candidato a governador e mais 9 são presos em área reivindicada por indígenas**

**Indígenas invadem área para impedir construção de condomínio de luxo**

Fonte: Campo Grande News.

Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/indigenasvoltam-a-invadir-area-de-condominio-de-luxo-2-dias-apos-acao-da-pm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Podemos observar que existe uma memória evocada por toda uma semântica carregada de sentidos históricos envolvendo *formações discursivas* diversas: “invasões” vs. “ocupações”; “reintegração de posse” vs. “retomada”. Nisso, à esteira de Pêcheux, podemos destacar a existência de uma ideologia por trás de quem prefere descrever o ocorrido como “invasão” e não como “retomada”. Temos de um lado o “luxo” e de outro um grupo que vive em barracos. Existe, como bem defendeu Pêcheux, um conflito de classes. E, mais, tem-se uma intervenção policial, ou seja, o Estado coibindo esse grupo subalternizado.

Se, todavia, observarmos as mesmas “Figuras 1 e 2” pela orientação epistemológica de Foucault, podemos apontar a existência de uma disputa discursiva pelo poder. Ambos os discursos estão em contraponto (o dos indígenas com as faixas chamativas em vermelho e o do condomínio de luxo por intermédio do termo “invadir” escolhido na matéria). Tanto há uma força sofrida pelos indígenas perante o Estado e os proprietários do meio de produção – nesse contexto, reconfigurados pela construtora dos imóveis – quanto existe uma resistência por parte



dos indígenas que, naquele ambiente específico do acampamento, são detentores do poder – na medida em que são eles quem se configuram como agentes, sendo insubmissos às autoridades; são eles, nesse momento, os que exercitam o poder (discursivo, inclusive).

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais e apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas esmo sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles. (Foucault, 2005, p. 35)

Essas duas observações nos parecem adequadas e complementares. A imagem a seguir mostra o governador de Mato Grosso do Sul, Eduardo Riedel, comentando o embate.

Figura 4 - Governador entrevistado sobre a ocupação



Fonte: Kleber Clajus/Midiamax.

Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/politica/2023/conflito-indigena-comecou-cominvasao-de-area-onde-condominio-e-construido-defende-riedel/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Trecho da reportagem onde as falas de Riedel são retransmitidas é apresentado a seguir:

O governador de Mato Grosso do Sul, Eduardo Riedel (PSDB), defendeu a legalidade da atuação da Sejusp-MS (Secretaria de Justiça e Segurança Pública), em ação que terminou com nove indígenas presos no município de Dourados. Os presos reivindicavam área onde será construído um condomínio de luxo da Corpal Incorporadora e Construções, que iniciou a obra, apesar de ofício recebido pelo MPF (Ministério Público Federal).



Os indígenas estavam no local desde a última quinta-feira (6) e, sem conflitos, o grupo foi preso no sábado. A secretaria utilizou homens da elite da polícia para realizar as prisões.

Segundo Riedel, a Sejusp agiu dentro da legalidade e classificou a situação como invasão. “Sempre disse que a gente tem que manter a ordem no Estado. Não estou falando de retomada, estou falando de uma invasão de uma área em que se está construindo um condomínio”.

O governador ainda afirmou acreditar que a secretaria está atuando “da maneira correta, no sentido de manter a legalidade no Estado”.

A invasão terminou com a prisão de Magno Souza (PCO), que concorreu ao governo do Estado nas eleições do ano passado. (Mídiamax; Clajus; Neves, 2023)

Se analisarmos o referido texto conforme o pensamento de Pêcheux, inferimos o Estado imputando seu poder por meio de seus *aparelhos de repressão* (com uso da Polícia) e *aparelhos ideológicos* (por meio da utilização da imprensa que, em tese, deveria ser isenta). A reportagem é extensa e segue seu curso com outros quatro subtítulos (“Construtora é alertada pelo MPF sobre construção”, “Até o momento, 13 indígenas já foram presos em MS”, “Prisões de lideranças indígenas são questionadas”, “Indígenas prometem fechar rodovia”), com falas dos indígenas e apontamentos dos jornalistas sobre alertas feitos pelo Ministério Público Federal tanto à empresa quanto ao governo a respeito dos riscos de se continuar a construção naquele local antes de um término nos embates de sua devida propriedade. Vê-se, portanto, uma tentativa de os jornalistas se apresentarem imparciais em sua função. Entretanto, num mundo capitalista, nem sempre a isenção e imparcialidade da imprensa dependem de seus profissionais, mas de uma decisão editorial que tem a ver, muitas vezes, com posições que seguem a lógica do mercado, do negócio. Embora tenha as falas dos demais envolvidos e uma observação bem atenta às precauções feitas pelo MPF, o texto apresentado enfatiza o posicionamento do governador. Coincidência ou não, atentemo-nos para uma das publicidades dispostas em forma de *banner* (à direita da imagem na “Figura 5”) na página: é paga pelo governo do Estado, governo este que está do lado do condomínio de luxo e não do grupo de indígenas. O próprio governador salienta: é preciso “manter a ordem no Estado”. De onde inferimos que os indígenas são desordeiros e merecem ser punidos.

Figura 5 - Propaganda veiculada em *banner* aparecendo correlata à imagem do governador em matéria com



entrevista do chefe do Executivo a respeito da ocupação



Fonte: *Print* de tela de site de notícias.

Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/politica/2023/conflito-indigena-comecou-cominvasao-de-area-onde-condominio-e-construido-defende-riedel/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Pelas teorizações de Foucault, podemos dizer que Riedel tem, enquanto governador, autorização para dizer o que diz. Não há constrangimento discursivo sobre seu falar nesse instante. A partir do momento em que diz o que diz, Riedel, como representante do Estado, auxilia a dispersar esse discurso pela sociedade sul-mato-grossense, o que se pode verificar nestes comentários sobre as matérias:

Basta visitar as áreas imensas como Jaguapiru e outras e constatar que nada é plantado ali, além de meia dúzia de mandioca, enquanto isso, os pobres índios, sentados à sombra das árvores, tomando seu rico tereré, planejam invasões, enquanto aguardam os alimentos vindos da Funai... e aí daqueles que falar mal dos coitadinhos, para mim, um bando de desocupados.

kkk. O que eles iam fazer? Plantar mandioca lá?

Sugiro contatar em Dourados Professor Tiago Botelho, candidato ao governo de MS 2022, conhecedor das causas indígenas locais.

Esses comentários nos remetem à dispersão (ou seja, disseminação) de um discurso e não de outro (não foi o discurso indígena, mas o discurso do Estado e do grupo imobiliário que pretende construir o condomínio de luxo que reverberou). Encaminham-nos, ainda, à disputa entre classes sociais: “nada é plantado ali” alude a grandes plantações (“agronegócio” vs. agricultura familiar/agricultura de subsistência); “coitadinhos” indica a ideia de meritocracia;



“bando de desocupados” remete à ocupação de um trabalho formal (ideologia capitalista); “O que eles iam fazer?” aponta para uma suposta improdutividade laboral; “candidato governo MS 2022 pelo PT” (termo político-partidário) alude a uma postura de contrapor o governo (pertencente a uma sigla tida como de direita). O último comentário ainda nos reporta ao que Foucault, na “*Ordem do discurso*”, denominou como um procedimento interno de rarefação do discurso, por meio da disciplina. Somente um especialista estaria avalizado a comentar sobre o assunto e não qualquer pessoa.

### Considerações finais

“Quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? Agora, uma das questões fundamentais da ciência tem uma nova resposta. Um estudo publicado na revista científica Nature revela que os primeiros ancestrais das aves e dos répteis podem ter gerado filhotes vivos, em vez de depositar ovos” (Tilt; Uol, 2023, s/p). Ora, se vivemos num mundo capitalista em que existem conflito de classes, e, ao mesmo tempo somos sujeitos que em seu cotidiano convivem com outros sujeitos no mesmo padrão hierárquico e ainda assim os conflitos existem... não é justo dizermos que o poder é exercido e disputado em grandes e em pequenas esferas, isto é, que existe uma disputa discursiva pelo poder em níveis macro e micro? Definir se existe uma influência maior de um que de outro não seria o mesmo que tentarmos definir, como na clássica pergunta anedótica, quem veio primeiro: se o ovo (micro) ou a galinha (macro)?

Preferimos, a nosso ver, pensar no que propomos nomear de *encadeamento multiforme de ações sociais*: manifestações que podem ser micro ou macro, que definem simultaneamente uma circularidade de poder e uma (re)produção ideológica. Quando o governador se refere a “ordem” com uso da Polícia, falamos em aparelhos ideológicos de Estado e estamos muito próximos ao pensamento do Pêcheux leitor de Althusser, da mesma forma, quando o condomínio pensa que sua atuação é lícita por representar, pelo seu ponto de vista, o luxo e o progresso da cidade. Porém, ao mesmo tempo, ambos – governador e empresa – se veem na necessidade de tomarem essas medidas porque em determinado momento perderam a capacidade de dar ordens, ou seja, o poder circulou para o outro lado, o dos indígenas – que não “obedeceram” governo e empresa. Por seu turno, quando entram na área,



os indígenas demonstram certo poder, porque, apesar de terem uma empresa bastante rica, a própria polícia e parte da opinião pública (apresentada, por exemplo, nos comentários de leitores de reportagem, como vimos) contrários, optaram por resistir. Todavia, precisaram tomar essa atitude de ocupação por não terem o respaldo das autoridades constituídas pelo Estado. Portanto, é coerente afirmarmos que o poder circula, é exercício – como asseverava Foucault –, mas é também consumado pelo uso da força (da Polícia – Estado – e do capital financeiro – empreiteira) e da hierarquia institucional (o chefe do Poder Executivo Estadual) – como pensava Pêcheux, sobretudo por meio de sua base althusseriana.

Como dito de início, nossa exposição não teve o objetivo de trazer respostas irrefutáveis. Não nos preocupamos se nossas afirmações não se aparentaram incontestes. Elas possuem caráter reflexivo, propondo discutir a aplicabilidade de uma análise cogitando-se essas duas perspectivas de poder, ponderando se há possibilidade de aproximação entre noções e conceitos agenciados por Foucault e Pêcheux. Acreditamos que o objetivo tenha sido alcançado, e as discussões podem ter continuidade.

Com todo o respeito a Michel Pêcheux, terminemos com uma alusão a Michel Foucault: “O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições [...]” (Foucault, 2005, p. 170-171).

## Referências

ALTUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 13. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. *In: Anais do V Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. 20-23 set. 2011. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

**CAMPO GRANDE NEWS**; FREITAS, Hélio de. Indígenas voltam a invadir área de condomínio de luxo 2 dias após ação da PM. Tenda foi montada e faixas estendidas em terreno localizado ao lado da reserva de Dourados. 10 abr. 2023. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/indigenas-voltam-a-invadir-area-de-condominio-de-luxo-2-dias-apos-acao-da-pm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

**CAMPO GRANDE NEWS**; SANTOS, Aline dos. Indígenas invadem área para impedir construção de condomínio de luxo. O grupo ocupou o local na madrugada desta sexta-feira, em Dourados. 7 jul. 2023. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/indigenas-invadem-area-para-impedir-construcao-de-condominio-de-luxo>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1. ed. 4. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni Pucinelli Orlandi et. al. 3. ed. p. 13-39. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, Freda. Remontando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em contraponto. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. 1. ed. São Carlos, SP: Clara Luz, 2005, v. , p. 183-194.

**MIDIAMAX**; CLAJUS, Kleber; NEVES, Gabriel. Conflito indígena começou com invasão de área onde condomínio é construído, defende Riedel. MPF alertou construtora sobre a construção de condomínio de luxo nos limites de comunidade indígena, em Dourados. 10 abr. 2023. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/politica/2023/conflito-indigena-comecou-com-invasao-de-area-onde-condominio-e-construido-defende-riedel/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni Pucinelli Orlandi et. al. 3. ed. p. 61-163. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

TILT; UOL. Quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? A ciência tem uma nova explicação. 8 jul. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2023/07/08/quem-veio-primeiro-ovo-galinha-ciencia-nova-resposta.htm>. Acesso em: 10 jul. 2023.